



A decadência da ilusão ou a morte da biografia

Marcio Markendorf¹

Resumo: As correntes do pensamento pós-estruturalista e da pós-modernidade ao se deterem sobre assuntos como o real, a representação, a identidade e a história, deparam com o problema epistemológico da decadência da ilusão. A incredulidade que contaminou o espaço teórico, aproximação perigosa de um niilismo crítico, vê uma série de categorias de estudo como participantes de um projeto que já não é mais possível ou aceitável. Nesse cenário, o discurso biográfico assiste ao colapso das bases híbridas sobre as quais assenta seu edifício textual. À impossibilidade pós-moderna de captar as múltiplas identidades do sujeito associam-se outros expedientes considerados perturbadores ou mesmo impraticáveis pela linguagem – a ilusão biográfica, a ilusão referencial, a ilusão da representação, a ilusão da história. Partindo desse contexto, é imprescindível questionar se estaríamos próximos de anunciar a morte do discurso biográfico, uma vez que o fim simbólico da história, no sentido progressista em que era concebida, já foi decretado. Este artigo, portanto, procura explorar a posição atual da biografia e conjecturar minimamente sobre seu futuro, sobretudo frente ao embate contemporâneo em representar o passado.

Palavras-chave: ilusão, discurso, representação, biografia

¹ Professor Horista das Faculdades Borges de Mendonça – FBM. Doutor em Teoria da Literatura pela UFSC.

Resumen: Las teorías de pensamiento post-estructuralista y post-modernista, cuando se detienen sobre asuntos como lo real, la representación, la identidad y la historia, se confrontan con el problema epistemológico de la decadencia de la ilusión. Las teorías se revistieron de incredulidad, acercándose peligrosamente a un nihilismo crítico; por eso, muchas categorías de estudio ya son pensadas como partes de un proyecto que no es más posible, tampoco aceptable. En este escenario, las bases híbridas de la edificación textual del discurso biográfico se rompen. Expedientes considerados perturbadores o incluso impracticables por el lenguaje, como la ilusión biográfica, la ilusión referencial, la ilusión de la representación y la ilusión de la historia se unen a la imposibilidad post-moderna de captar las múltiples identidades del sujeto. A partir de este contexto, es imprescindible hacer cuestionamientos sobre si estaríamos muy cerca del anuncio de la muerte del discurso biográfico, puesto que ya ha sido anunciado el fin simbólico de la historia, en el sentido progresista en que era concebida. Este artículo, por tanto, busca analizar la actual posición teórica de la biografía y pensar, aun mínimamente, sobre su futuro frente a las discusiones contemporáneas acerca de la representación del pasado.

Palabras-clave: ilusión, discursos, representación, biografía.

À leitura de uma biografia segue-se um sentimento de exaustão acumuladora provocado pelo excessivo volume de informações, datas, nomes e eventos que a engendra. Não é raro que tal sensação seja acompanhada por um misto de credulidade e dúvida acerca dos fatos ali evocados. Por mais que a Teoria da Literatura atualmente seja contemplada com linhas de pesquisa cada vez mais afinadas com os campos da literatura e da memória, o exercício crítico acerca dos gêneros biográficos e seus limites permanecem pouco definidos, flutuantes, subversivos ou contraditórios. Debruçados sobre o conceito de representação, os estudos sobre biografia e literatura estão atualizando em outros termos a preocupação acerca da natureza do discurso literário, assunto bem

mais antigo, complexo e ainda irrespondível. Longe de procurar respostas para essas questões, este artigo procura focar a relação dinâmica da biografia com os campos da literatura e da história, principalmente no que diz respeito à fabricação das representações e aos efeitos delas sobre o objeto representado.

Por ser difícil superar ou desmistificar a crença de que o discurso biográfico tem a capacidade de representar os termos exatos de uma vida, a face mais problemática do estudo será articular literatura e história. Lidar com campos da ciência que se caracterizam essencialmente pela metalinguagem da realidade é estar sujeito às constantes alterações da imagem e do entendimento de seus próprios objetos de estudo. É como enfrentar a angústia de um pensamento à deriva e contaminado pela incerteza. Pronunciando-se sobre tal condição, o pensador francês Jean Baudrillard afirma que “a incerteza do pensamento é que ele não se troca nem com a verdade nem com a realidade” (BAUDRILLARD, 2002, p. 09). De modo semelhante, o princípio de incerteza está contido no discurso biográfico à medida que este também não pode ser trocado nem com a verdade e nem com a realidade. Um objeto textual, aliás, não pode operar como espelhamento do real porque é feito de verdades e de realidades paralelas e distintas. A linguagem, nesse sentido, não dá e não pode dar conta do real, mas de representações do real, porque por mais que engendre em si elementos que possuam um correspondente extralingüístico, não constrói uma reprodução idêntica. Assim sendo, realidade e discurso não podem sofrer a arbitrariedade de serem trocados um pelo outro na forma de equivalentes. É uma permuta impossível, assim como o são todas as coisas no mundo.

De acordo com a hipótese de Baudrillard, a incerteza radical é derivada de uma troca impossível, ou seja, é da natureza das coisas não possuir um equivalente, exceto, obviamente, na forma de uma correspondência simbólica e, por isso mesmo, artificial. Partindo do pressuposto de que não há forma legítima de equivalência e,

consequentemente, não existe troca, Baudrillard conclui que a verificação – a prova da verdade de – não é possível, o que torna a realidade uma forma de impostura (2002, p. 09). De modo mais drástico, “sem verificação possível, o mundo [por si mesmo] é uma ilusão fundamental” (BAUDRILLARD, 2002, p. 09) porque não existe (ou não foi descoberto) outro planeta que tenha igual valor ao nosso no universo, com exceção do simulacro virtual, o equivalente discursivo e artificial do mundo. O pensamento humano, de igual modo, não escapa da impermutabilidade, tornando-se, por sua vez, ele mesmo uma ilusão fundamental e, também, uma incerteza. As diversas esferas do pensamento humano – representadas exemplarmente pelos campos político, jurídico e estético – não possuem sentido fora de si mesmas. Isto porque os valores, as finalidades e as causas que estruturam o pensamento só possuem validade para a racionalidade humana, o que acaba por traduzir uma crescente indecidibilidade das categorias, manifesta, sobretudo, na forma de proliferação, contaminação e interpenetração de gêneros, espaços, tempos, identidades.

A fim de escapar de tal flutuação, os sistemas de pensamento inventaram para si mesmos princípios de equilíbrio que operam dentro de oposições binárias ou maniqueístas, tais como o verdadeiro e o falso, o factual e o ficcional, o bem e o mal, o signo e o referente. É o espaço da diferença e a regulação pela diferença que garantem a estabilidade do conjunto. Sem tais princípios de equilíbrio, os sistemas entrariam em colapso, lançando-se numa deriva exponencial e na desordem especulativa. Baudrillard infere que o princípio da racionalidade e da realidade dos sistemas apenas é capaz de funcionar com o esquecimento voluntário da situação fatal de troca impossível, o que determinaria o caráter de impostura do mundo e de todas as coisas pertencentes a ele (2002, p. 12). Em vista disso, as tentativas mais combinadas e mais sutis de fazer significar o mundo com precisão e de dotá-lo com um sentido

fracassaram nessa espécie de limite intransponível: o “Muro da Troca Impossível” (BAUDRILLARD, 2002, p. 12). Uma vez que o preceito da introcabilidade é um fato consumado, a tendência geral é a proliferação delirante de todas as coisas. Situado entre o esquecimento voluntário e a memória prontamente acessível da incerteza radical, o mundo vive o “Grande Jogo da Troca” visto que “todas as estratégias atuais se resumem a [...] fazer circular a dívida, o crédito, a coisa irreal e inominável da qual não se pode desembaraçar-se” nunca (BAUDRILLARD, 2002, p. 13).

Em conformidade com esse contexto, não há dúvida de que o discurso biográfico enveredou por uma proliferação sem fim. Ao interpretarem o indivíduo enquanto um ser fractal, múltiplo em sua natureza, os teóricos da pós-modernidade conceberam a idéia de identidade como “uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2002, p. 13). De acordo com Stuart Hall, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (2002, p. 13). Esse movimento contínuo configuraria uma das estratégias errantes do jogo da troca implicando a transformação do discurso biográfico em capital flutuante na incerteza especulativa. O sentimento de identidade unificada que o indivíduo experimentaria desde o nascimento até a morte, trata-se de uma confortadora e cômoda “narrativa do eu”, ou seja, uma fantasia (HALL, 2002, p. 13). Logo, a narrativa biográfica constitui uma forma de impostura tanto quanto a realidade.

Se por um lado a identidade era compreendida por atributos fixos, essenciais ou permanentes, numa concepção estável e linear do sujeito, por outro, a forma essencial das coisas era pensada como tendo uma origem, um meio e um fim. Identidade e forma participavam de uma idéia comum de continuidade tanto do sujeito quanto da história. No

entanto, a condição geral das coisas, conforme compactuam os teóricos da pós-modernidade, é a da descontinuidade, do caos, do aleatório, do provisório. Nas palavras de Allain Robbe-Grillet, tomadas de empréstimo por Pierre Bourdieu, “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório” (BOURDIEU, 2001, p. 185). Ignorando tal fato, a forma biográfica como é conhecida, baseia-se na sucessão linear do tempo e dos acontecimentos tal como se dava com os acontecimentos históricos. A tendência geral da forma biográfica é a de estabelecer uma lógica cronológica, ou seja, extrair um sentido, ao mesmo tempo retrospectivo e prospectivo daquilo que foi a vida de um indivíduo (BOURDIEU, 2001, p. 184). O efeito discursivo dessas sequências inteligíveis é o de uma história coerente e totalizante, muito embora esse mesmo efeito seja atingido à custa de uma “criação artificial de sentido” (BOURDIEU, 2001, p. 184-5), ou seja, de uma ilusão retórica. A tentativa de se organizar artificialmente sistemas caóticos – o espaço, o tempo, a memória, o indivíduo – é um modo de prover o mundo com algum significado na contracorrente da troca impossível e, por isso mesmo, trata-se de uma ilusão biográfica (BOURDIEU, 2001).

Igualmente ilusória era a concepção linear, evolutiva e progressiva da história, conforme era apregoada por Descartes, Hegel ou Marx, hipótese que foi derrubada em 1989 com a queda do muro de Berlim. O processo histórico, que deveria se desenrolar rumo a uma sociedade ideal, teve seu fim decretado com a ruína do socialismo, invalidando o determinismo científico em que estava baseado (PENA, 1998, p. 26). Com a destruição do muro aconteceu um fim simbólico da história, no sentido de uma desestabilização das correntes que conceituavam o tempo e a história em uma linha de causalidades – tais como o Positivismo, o Marxismo, a Escola de Frankfurt e a Escola dos Annales

- devolvendo ambos ao estado caótico ao qual realmente pertencem. O fim histórico referia-se ao fim da utopia que o socialismo (e o comunismo) representava. Por isso a queda do muro significou a perda da dimensão utópica ou a constatação da impossibilidade do seu devir. Depois disso, a história entrou no que se convencionou chamar de Greve dos Acontecimentos (BAUDRILLARD, 1992).

Uma vez que vez que está decretado o fim da história, ao menos no sentido em que era compreendida pelas referidas teorias, a biografia também encontra seu fim nos termos positivistas em que é formulada, pois seu valor simbólico e utópico sofreu igual perda. Ao incorporar o pensamento analítico segundo o qual a evolução e o progresso das formas vivas é a única hipótese possível, o discurso biográfico encaminhou as narrativas para uma explicação final do indivíduo. Condição impossível para um objeto tão descontínuo.

Baudrillard opina que a descontinuidade de um macrocosmo como o Universo também é válida para o microcosmo representado pelo ser vivo, pelo acontecimento e pela linguagem, porque “por mais infinitesimal que seja a passagem de uma forma a outra, é sempre um salto, uma catástrofe, de onde resultam inopinadamente as formas mais estranhas, mais anômalas, sem consideração pelo resultado final” (BAUDRILLARD, 2002, p. 15). O teórico arremata que as línguas, o exemplo mais belo dessa descontinuidade, seguem “um desenvolvimento altamente aleatório, sem progresso contínuo nem superioridade de uma sobre a outra” (BAUDRILLARD, 2002, p. 15).

Por sua vez, Robbe-Grillet complementa o assunto afirmando que o real é constituído pelo fragmentário, pelo fugaz, pelo inútil, comportando-se de tal modo acidental e particular que a todo instante os acontecimentos aparecem como gratuitos privando, enfim, a existência de qualquer significação unificadora (BOURDIEU, 2001, p. 185). Desse modo é possível inferir que, se a vida em si não possui um sentido determinado, a explicação final se trata de uma hipótese desesperada. A narrativa biográfica é um

artifício mínimo contra a falta de sentido máxima do mundo. Reside nesse ponto a justificativa para a existência do gênero, pois o artifício discursivo permite aos indivíduos, perplexos diante da falta de sentido do mundo, conferir sentido às experiências vividas.

As narrativas do eu são construções que dizem quem são os indivíduos, seus papéis sociais e, principalmente, suas funções sociais. No entanto, não sendo possível reproduzir a vida através de um relato, o gênero biográfico, ao selecionar e recortar acontecimentos significativos, editando-os em uma trama de conexões coerentes e causais, confere a uma série de categorias desordenadas a aparência de reprodução possível. Retornando à perspectiva macroscópica, o Universo, nascido ele mesmo de uma explosão, não poderia nunca atingir um fim e um sentido determinados em meio ao caos. “Somos protegidos desse fim por esse não-sentido que assume a força de ilusão poética” (BAUDRILLARD, 2002, p. 15), filósofa Baudrillard. Uma vez assumido esse sentido artificial para o não-sentido imanente, o mundo é investido de uma força enigmática no corpo a corpo contra a incerteza que, assim como as aparências, garante a felicidade (BAUDRILLARD, 2002, p. 15). As narrativas biográficas são, a princípio, celebradas como um discurso mantenedor da felicidade. Mesmo que o sentido da vida não seja explicado plenamente em termos existenciais, lembrança que nos afundaria numa incerteza angustiante, a ordenação discursiva da vida segundo uma origem e um fim garante uma proteção mínima contra uma descontinuidade insuportável. É quase uma propensão humana sublimar questionamentos existenciais e reprimir a consciência de uma finitude inesperada e súbita do corpo representada pela morte. Isto se refere ao que Baudrillard traduziria como esquecimento voluntário da troca impossível e que, em outra senda, Freud exprimiria como recalque. Esquecimento e recalque, no entanto, não são estratégias livres de risco, pois, de quando em quando, ocorre o retorno involuntário da memória e do conteúdo recalcado.

Por proceder da impostura de uma continuidade pensável, menos sofrível e mais sobrevivível, uma ordem meramente fantasmática de tranquilidade e felicidade repousa no discurso biográfico. A relação causal dos eventos e dos pensamentos é uma forma de fazer sobreviver o indivíduo no meio do caos. Contradizendo a ilusão poética estabelecida, a observação pós-moderna sobre a descontinuidade e os sistemas caóticos termina por subtrair o sentido duramente alcançado pelas relações causais. É como se o mundo se entregasse ao retorno do inexplicável e do recalçado, através do qual são apagados os traços da falsa ideia de explicação objetiva do mundo. O maior prazer humano está em perceber “o encadeamento do vazio por trás do encadeamento do pleno”, o que aconteceria por meio do desmonte da “maquinação do Nada” e de sua “maquinaria paralela” (BAUDRILLARD, 2002, p. 17). Como resultado desse movimento, o pensamento outra vez é atirado na incerteza fundamental das coisas, agora por força de uma sedução diabólica. Assim, o Nada, que havia sido o alvo predestinado da empreitada da verdade, da verificação e da objetivação do mundo, “gigantesca empreitada de tratamento homeopático do mundo pelo princípio único da realidade”, ao ser reconsiderado como regra geral da incoerência das coisas, coloca fim à ilusão dramática das aparências (BAUDRILLARD, 2002, p. 17). É o fim de uma análise determinista de uma sociedade determinista. A possibilidade viável, então, é fazer “a análise indeterminista de uma sociedade indeterminista – de uma sociedade fractal, aleatória, exponencial, a da massa crítica e dos fenômenos extremos, de uma sociedade totalmente dominada pela relação de incerteza” (BAUDRILLARD, 2002, p. 24).

Assim, na condição de metalinguagens que se desenvolvem à imagem de seu objeto, a literatura e a história não poderiam explicar com precisão o discurso biográfico. A definição conceitual dessas áreas da ciência é imprecisa, posto que ainda se vêem às voltas de questões sobre a essência dos objetos sobre as quais se debruçam – o que é e o que não é literatura e história. Além do que, ao longo da

pós-modernidade ambas as áreas do conhecimento caminham para um franco processo de fecundação – ou da simples consciência do seu desenrolar – no qual a literatura é histórica e a história é literária. Sem contar o caminho do jornalismo, que articula o biográfico entre a história, a literatura e a informação. Como compreender a narrativa biográfica tendo em vista esse delicado equilíbrio de forças contrárias e ilusões auto-impostas? Como avaliá-la por meio de ciências que tem a validade reconhecida apenas em si mesmas? Na qualidade de representação, o discurso biográfico não pode funcionar como equivalente do real, pois não poderia nunca manter uma relação de similitude entre a linguagem e a realidade. O discurso que representa um sujeito não se torna, ele próprio, aquele sujeito. Tampouco verifica o referente para o qual aponta, porque possui autonomia em relação ao que representa, à medida que não se recobre da mesma matéria que constitui o sujeito representado.

Sendo assim, traduzindo a discussão de Michel Foucault (1988) para este contexto, é possível especular que a biografia não afirma “isto é um sujeito”, como também não atesta o contrário, “isto não é um sujeito”, mas constitui uma representação, um enunciado de ruptura entre o conteúdo discursivo e a referência extralinguística. Decorre disso que, numa relação dupla e dúbia, o que existe na representação continua a não existir. Desligada do sujeito, a representação biográfica se comportaria como uma frequência fantasmática do real, e, ao mesmo tempo, uma fantasia confortadora da verificabilidade do sujeito e do mundo que o rodeia.

Lançado num universo de indefinição, de ser e não ser ao mesmo tempo, o discurso biográfico torna impraticável a comprovação da verdade contida em sua narrativa do eu. Com exceção do material objetivo, formado pelos documentos oficiais, em sua totalidade uma biografia é formada de matéria subjetiva – organizada por um sujeito, sobre um sujeito, com base em outros sujeitos – o que lhe confere um valor instável, incerto e aleatório. Diante desse quadro,

acompanho a análise oferecida por Alessandro Portelli quanto às [in]certezas do gênero em questão: “Não temos a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto [pois] o que nossas fontes nos dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro. Não dispomos de fatos, mas de textos” (1996, p. 64). Dado desse modo é preciso frisar que a linguagem, não representando o real, articula e constitui uma outra realidade. O texto, à sua maneira, é verdadeiro porque repousa seus conteúdos num universo paralelo e verossímil, legitimado por leis diversas daquelas que operam no domínio extratextual. Apesar da diferente pertinência de universos, ainda assim, o texto não deixa de ser analisado em vista de sua similitude com a realidade. Portelli emenda que os textos, “a seu modo, são também fatos, o que é o mesmo: dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados com técnicas e procedimentos em alguma medida controláveis, elaborados por disciplinas como a linguística, a narrativa ou a teoria literária” (1996, p. 64). Visto que sobre o texto, o fato e a linguagem incidem um mesmo sentido de imprecisão e de incerteza, os sistemas de pensamento, a fim de objetivá-los, os enquadram na lógica binária. Tais parâmetros, contudo, apenas funcionam no interior dessas esferas artificialmente circunscritas – a linguística, a narrativa, a teoria literária, a história –, pois fora delas não têm sentido. Quer seja dentro quer seja fora desse jogo de oposições, o discurso biográfico persiste em seu caráter ilusório e minimamente representacional. Sem verificação e verificadores possíveis, o enunciado ‘isto não é um sujeito’ parte para a radicalidade do ‘isto não é a representação de um sujeito’ o que determina que em nenhum lugar há biografia.

Radicalmente, Baudrillard afirma que o mundo não enfrenta apenas uma crise, que seria um movimento natural de toda a história, mas envereda por um processo catastrófico no sentido de um desregramento de todas as regras do jogo (2002, p. 24). A catástrofe,

assim, empurraria o pensamento para um estado paradoxal, que não obedece mais a um princípio de verdade e aceita a impossibilidade mesma de se verificar (BAUDRILLARD, 2002, p. 24-5). Como avaliar o discurso biográfico, então, se os valores tradicionais e os jogos de oposição são substituídos ao logo do processo catastrófico por um pensamento paradoxal? Esse questionamento pode encontrar a réplica na desistência de uma cumplicidade passiva com o crime da ilusão do mundo para cometer outro: a morte da biografia ou o assassinato das leis que a regulavam até agora. O discurso biográfico, hoje, de algum modo já enfrenta essa morte, numa estranha condição paradoxal: a de existir ainda, a de ser inaceitável que continue a existir como é, a de ser irrealizável como deveria. Biografar tornou-se um projeto impraticável, uma hipótese remota, uma ilusão a contragosto.

Prevedo isso, qualquer biografia a respeito de um sujeito só pode ser compreendida como ficção. A entidade ficcional que é difundida pelo gênero assume a materialidade completa do sujeito real e a autoridade máxima de sua existência. Diferente por inteiro do indivíduo em sociedade – conhecido por um círculo social limitado – há um indivíduo-personagem no discurso – amplamente conhecido pelo público – gerado por meio de representações que reduzem sua complexidade a um punhado de fórmulas textuais e de temas populares da cultura.

A objetivação biográfica que por muito tempo extinguiu a incoerência da vida pode ter, agora, sua morte decretada com o fim das ilusões. Conceber o discurso biográfico como um cadáver é admitir a sua impraticabilidade de reprodução da existência caótica do ser e do mundo. Em relação a isto, Carlos Piña preceitua que “una vida particular siempre aludirá a un contenido demasiado amplio y difuso como para suponer que ella se pueda recuperar o reproducir” (1991). Não podendo ser apreendida pelo discurso nem como transcrição da realidade nem como reflexo artificial dela, a vida vê-se completamente

ágrafa. Obviamente as biografias nunca deixarão de ser escritas, não se trata de uma morte como expurgação, mas de um fim simbólico que atesta a impossibilidade, a imaterialidade, a inoperância e a impraticabilidade de um discurso. Um dos principais desafios do biografismo da atualidade “é capturar os personagens enfocados a partir de diferentes ângulos, construindo-os não de uma maneira coerente e estável, mas levando em conta suas hesitações, incertezas, incoerências, transformações” (SCHMIDT, 2000, p. 199). Fato que implicaria o abandono da linearidade cronológica e a necessidade do biógrafo de lidar com diferentes temporalidades, tais como o tempo ‘contextual’ (o panorama político, econômico, cultural), o tempo familiar, o tempo interior, o tempo da memória (SCHMIDT, 2000, p. 199). Ao tentarem contornar os problemas epistemológicos na elaboração do discurso biográfico e proporem o rompimento do sentido artificial de vida e/ou da ilusão retórica, duas propostas para o gênero biográfico merecem ser colocadas à mostra: o conceito de biografemas e o de fractais biográficos.

De um modo distinto das biografias tradicionais, Roland Barthes propõe apresentar metonimicamente o indivíduo por meio de elementos unitários de vida, os grafemas, organizados aleatoriamente num todo textual, denominado biografema. O resultado é um texto que “traz à luz, pela leitura, um corpo vivificado pela e na linguagem” (CARAMELLA, 1996, p. 22) e no qual as intermitências do sujeito flutuam numa dimensão temporalmente lacunar e descontinuamente espacial. O biografema elimina a ordem cronológica e toma a linguagem como espaço, revelando o corpo como dobra de um sujeito inscrito no tecido textual (CARAMELLA, 1996, p. 22). É um texto de gozo, no estrito senso barthesiano, e, por isso mesmo, uma questão de leitura da vida como linguagem, por meio da qual é possível selecionar e valorizar os resíduos signícos que emergem do papel. Isto determina um caráter sensual para o biografema, porque “convida o leitor a fantasmear; a compor, com

esses fragmentos, um outro texto que é, ao mesmo tempo, do autor amado e dele mesmo – leitor” (PERRONE-MOISÉS, 1985), sugere Leyla Perrone-Moisés. Permeado pela noção de afetividade – a redução da vida a gostos, pormenores e inflexões, nas palavras de Barthes (1979) –, o biografema não se lança em busca de acontecimentos significativos ou de justificativas para os conteúdos vividos, mas, sim, empreende a realidade como ficção ou como representação (CARAMELLA, 1996, p. 23), desviando-se da verdade objetiva para ter como escopo uma verdade poética do sujeito. Assim, o biografema, ao assumir a vida como escritura e linguagem², não envereda nem para a construção de um eu coerente nem para uma história totalizante, porque é elaborado com os fragmentos de um discurso metalingüístico e amoroso.

O projeto barthesiano desconsidera “a vida como destino ou epopéia” para lhe conferir o caráter de “texto romanesco” ou mesmo de um lúdico “canto descontínuo de amabilidades” que, no entanto, não se furta do revés fictício, uma vez que os biografemas pertencem ao “campo do imaginário afetivo” (PERRONE-MOISÉS, 1985, p. 09-10). É um modo de colocar no discurso o que pertence ao fluxo caótico do universo mental – lembranças ou impressões situadas entre o insignificante e o significativo. Lembranças que muitas vezes, como aposta Freud, podem encontrar-se distorcidas e reelaboradas em vista do

² Tomar a vida como texto soa uma estratégia interessante para a qual poderia ser acrescentada a re-conceituação de tempo e memória proposta por Jacques Derrida. Para o filósofo francês, a noção de linearidade temporal deveria ser substituída pela noção de simultaneidade, pois quando o indivíduo recorda algo, o que era passado torna-se uma narrativa mental e articula-se no presente, tornando-se simultâneo a esse presente. O mesmo se daria com o futuro que, não sendo mais do que uma especulação, pode ser articulado no discurso, o que o tornaria, também, presente. A vida como texto participaria desse jogo de simultaneidades. Cf. PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 75 – 76.

afastamento temporal do acontecimento e da sua persistência na memória (FREUD, 1976, p. 21). E se não é a traição involuntária da memória que vem a ficcionalizar o biografema, é a traição da história que se procede, uma traição voluntária, pela qual o teórico francês, ele próprio, ao colocar em prática os autobiografemas ou as anamneses em Roland Barthes por Roland Barthes, “freqüentemente deu a seus fragmentos auto-narrativos um leve tom de farsa” (PERRONE-MOISÉS, 1985, p. 18). Na condição de anamneses, “lembranças fixadas como breves haicais”, os autobiografemas permitiriam que o leitor incluísse, durante a leitura desse texto de gozo, as anamneses que lhe ocorrem sobre o escritor – tão “fictícias” quanto aquelas que lê³.

O biografema, por isso mesmo, é uma saída não menos ficcional nem menos ilusória para o fazer biográfico. Sua importância, no entanto, incide no fato de que Barthes contribuiu para o rompimento da lógica causa e efeito ao tomar a vida como texto – uma relação textual distinta da obra teórica (e literária?). Por meio da obra seria possível acompanhar a “evolução” e os “deslocamentos” de uma matéria pouco mais coerente, representada pelas idéias teóricas e críticas de um sujeito, na qual o texto – a vida – ressoa nas estrelinhas, quer seja “nas conotações de seu léxico” quer seja “nas vibrações de seus arranjos frásicos” ou “nas tonalidades de sua enunciação inconfundível” (PERRONE-MOISÉS, 1985, p. 13-4). Tendo como base as impressões de seu

³ Outra aproximação com o pensamento de Jacques Derrida pode ser apontada aqui, naquilo que diz respeito aos dois tipos de memória formuladas pelo filósofo: a memória interior, relativa ao sujeito, e a totalizadora, relativa à escritura. A diferença entre as duas é que a memória do sujeito (autor ou leitor) se extingue e pode ser absorvida por outras memórias (novos leitores, novos autores) ao passo que a memória totalizadora, pertencente à escritura, carrega todas as memórias juntas, podendo ter as mais diversas interpretações. PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 76.

contato intelectual com Barthes, Leyla Perrone-Moisés exprime que, contido na escritura da obra, o texto pode iluminá-la com “seus fulgores intermitentes” e “indicar a circulação permanente de temas e tons, entre a obra e a pessoa do escritor Barthes que conheci” (1985, p. 14).

Por outro lado, em uma época em que o indivíduo é ao mesmo tempo consumidor e produtor, o jornalista Felipe Pena, partindo do postulado da ilusão biográfica oferecido por Pierre Bourdieu, engendra a teoria da biografia sem fim. Com essa teoria, também chamada de fractais biográficos, o jornalista tenta resolver o impasse que tem sido caro ao gênero biográfico – a ilusão biográfica, as múltiplas identidades, a superposição temporal, a veracidade ficcional e a celebração dos biografados. A nova narrativa biográfica propõe o fracionamento da identidade do biografado “em múltiplas e similares identidades, em simetria de escala e recorrência de possíveis padrões” (PENA, 2004, p. 62) de modo a dar visibilidade à fragmentação e aos deslocamentos das variadas faces do sujeito para, assim, constituir o oposto das explicações coerentes e totalizantes da biografia tradicional. Desse modo, os capítulos da narrativa seriam nominais, representando as diversas identidades do sujeito através dos epítetos pelos quais o biografado é interpelado ou representado – tais como o pai, o marido, o amigo, o professor e assim por diante –, sem que, no entanto, um epíteto exclua o outro, mas indique a alternância de “centros de poder” (HALL, 2002, p. 16) e o encaixamento de um capítulo sobre outro. O conceito de fractal (PENA, 2004, p. 61), ligado ao de auto-semelhança, “pode representar padrões de recorrência para dar conta de combinações supostamente aleatórias” (PENA, 2006, p. 92) de identidade e, também, desconstruir o lugar-comum que atribui para o indivíduo os critérios de fixidez, essencialidade ou permanência. A divisão em fractais poderia, também, ser mais bem sucedida na representação das noções de tempo e espaço enquanto planos justapostos, descontínuos, aleatórios e imprevisíveis e, conseqüentemente, permitiria dar forma a um relato mais próximo do que seria uma vida.

Ao biógrafo caberia relacionar “pequenas histórias/fractais” fora de uma ordem diacrônica dentro de cada capítulo nominal para que o leitor, diante de um jogo quase lúdico, possa principiar a narrativa biográfica por qualquer página. Por sua vez, o conceito de verdade seria relativizado na medida em que, não se dando o cruzamento de dados para a comprovação dos fatos, cada fractal apenas indicaria em nota de rodapé a referência de sua fonte. Caso houvesse duas versões para um mesmo incidente, o biógrafo se limitaria a registrar as versões e a destacar a autoria de cada uma delas. Felipe Pena ainda abre espaço para a interatividade do leitor ao lançar a obra biográfica com um site no qual qualquer um pode incluir sua própria história a respeito do biografado para ser publicada na próxima edição do livro. O fracionamento da identidade e a interatividade garantiriam a construção sem fim da biografia.

O projeto dos fractais biográficos afasta-se da narrativa totalizante apenas no sentido de um controle total de informações efetuado por um sujeito interpretante, o biógrafo, pois o projeto de narrativa totalizadora de um indivíduo biografado ainda persiste. Mesmo que a narrativa seja organizada diacronicamente em capítulos nominais ou, em outras palavras, apresente-se organizadamente desorganizada nos epítetos, a totalidade recebe uma dimensão utópica ou mesmo fantasmática quando lançada na interatividade do mundo virtual. O sentido totalizante e definitivo alcançado pela narrativa de um biógrafo em particular transformar-se-ia no sentido totalizante e infinito de um discurso incessantemente construído por um biógrafo e por co-biógrafos⁴. E, ao

⁴ Felipe Pena defende sua proposta afirmando que a biografia sem fim é contrária a qualquer força totalizante porque o princípio do método proposto é o da lacuna, referindo-se, por isso mesmo, a algo que nunca será preenchido totalmente. Sempre haverá novos fractais, novas histórias para contar, novos leitores/autores e até um novo biógrafo. A narrativa infinita não é total, mas ao seu contrário: a incompletude. PENA, Felipe. *Biografias*. [mensagem de trabalho]. Mensagem recebida por: <felipepena@globocom> em 01 nov. 2007.

tornar relativa a verdade factual no discurso, pela simples operação de registro das diversas versões de um fato, sem qualquer tentativa de comprovação, o biógrafo isenta-se parcialmente da atividade de intérprete de uma vida para assumir o papel de compilador e/ou organizador de narrativas biográficas, um mero mediador, função realmente coerente com o ofício de biógrafo (PENA, 2004, p. 84). Portanto, por mais que a proposta de fracionamento e de interatividade procure articular um novo fazer biográfico, os problemas apontados nas narrativas tradicionais se desenrolam por outras vias, inclusive pela mitificação, pois o virtual é o lugar por meio do qual as histórias de fundo anedótico ou edificante podem penetrar.

Apesar de todo esse percurso questionador, ainda é possível pensar a biografia. Mesmo que a certeza da literatura e da história possa estar deslizando terminantemente para o seu reverso, atirando o pensamento novamente ao Nada, despindo-o da ilusão, colocando-o cru diante de um mundo descontínuo e caótico, o discurso biográfico ainda assim pode ser objeto de estudo. Não é o fim da história. Não é o fim da literatura. O mundo está diante de uma suspensão temporária da ilusão. A análise do discurso biográfico, contudo, precisa reformular seus parâmetros para, talvez como Barthes, assumir a vida como escritura e lê-la como texto romanesco. Em auxílio a esse novo exame proposto, Maria Helena Azevedo sugere que “a validade, ou a pertinência, de uma biografia, não deve ser medida em relação a alguma verdade exterior ao texto, mas sim ao seu poder de convencimento, isto é, seu poder de aparentar a realidade passada, sua força construtiva – sempre adstrita a contextos intersubjetivos determinados (ainda que não inteiramente determináveis)” (AZEVEDO, 1995, p. 689). Quase com tom de fatalidade é preciso afirmar que tudo passa por alguma narrativa – mental, oral, escrita, plástica, fílmica –, mas nenhuma dessas formas de representação pode aferir-se como o discurso da verdade. Nem a verdade, ela mesma, pode afirmar-se enquanto tal, pois, como

adverte Fani Hisgail, “a verdade tem sempre estrutura de ficção” (1996, p. 12). A saída, portanto, pode estar na avaliação do poder de convencimento da ficção, do modo narrativo que sustenta o caráter mítico, do romanceamento da vida como objeto de consumo, da vida privada como espetáculo mercantil.

Referências

- AZEVEDO, Maria Helena. Algumas reflexões sobre a construção biográfica. In: IV Congresso da ABRALIC, 1994, São Paulo. *Anais*. São Paulo: Bartira Gráfica e Editora, 1995.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier e Loiola*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos*. trad. Manuela Torres. Lisboa: Terramar, 1992.
- _____. *A troca impossível*. trad. Cristina Lacerda e Teresa Dias Carneiro da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- CARAMELLA, Elaine. Tarsila do Amaral e Cacilda Becker: biografemas. In: HISGAIL, Fani. (org.). *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. trad. Jorge Coli. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil*. In: _____. *Obras completas da edição standard*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976, p. 19 -153, vol. XVII.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- HISGAIL, Fani. Aparte biográfico. In: _____. *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 1996.

PENA, Felipe. *A volta dos que não foram – a geração pós-68 busca uma nova utopia para a política e a literatura, na era da televisão*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

_____. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Barthes*. 2. ed. Coleção Encanto Radical. O saber com sabor. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PIÑA, Carlos. Sobre la naturaleza del discurso autobiográfico. In: *Anuário Antropológico 88*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro. V. 1, n. 2, 1996.

SCHIMDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. (orgs.) *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Unicamp, 2000.